



Polícia sueca põe fim a uma década de pirataria

Internet. Rusga encerrou o The Pirate Bay, maior agregador de *torrents* do mundo. *Site* já tinha sido condenado por partilhas ilegais

BRUNO ABREU

Aquele que se apresentava como “o *site* de BIT *torrent* mais resiliente da galáxia” atingiu na terça-feira o ponto de rutura. O famoso *site* de partilha de conteúdos The Pirate Bay (TPB) foi encerrado depois de a polícia sueca ter efetuado uma busca na sede do *site*, em Estocolmo, apreendendo os servidores, computadores e outros equipamentos numa ação de proteção à propriedade intelectual.

Milhões de utilizadores do serviço acordaram ontem sem acesso ao *site*, pensando que seria apenas uma atualização. Segundo informações dadas pelo porta-voz da polícia sueca, Paul Pinder, a rusga ocorreu depois de uma denúncia da Rights Alliance, um grupo sueco antipirataria, por violações da lei da cópia. “O The Pirate Bay é um serviço comercial ilegal que faz lucro relevante ao infringir o trabalho dos outros”, escreveu Sara Lindback, líder da Rights Alliance.

“O The Pirate Bay já tinha sido condenado em 2009 pelas autoridades. Na altura o tribunal conseguiu determinar dados específicos que tinham sido partilhados pelo *site*. Mas sobreviveu”, explica ao DN Manuel Lopes Rocha, advogado especialista em Propriedade Intelectual e Tecnologias da Informação. “Apesar disso sofreram danos, com o *site* a ser banido de países como a Itália, a Holanda ou o Reino Unido”, acrescenta.

O The Pirate Bay foi fundado em setembro de 2003 pelos suecos Gottfried Svartholm, Peter Sunde e Fredrik Neij da organização anti-copyright Piratbyrå (Escritório de Pirataria, em português). No ano seguinte o The Pirate Bay separou-se da organização constituída por ativistas civis e *hackers*, com esta a argumentar que o *site* se tornara maior do que aquilo que estavam à espera – num ano passou do uso exclusivo por suecos para todo o mundo. O *site* funcionava como um motor de pesquisa de arquivos, com o nome de *torrents*, que permitiam fazer o *down-*

load de músicas, filmes, séries, jogos e programas de computador gratuitamente e sem pagar direitos de autor.

A controvérsia esteve sempre presente na história destes piratas. Em maio de 2006 a polícia sueca fez uma rusga à sede, mas o *site* esteve apenas três dias sem atividade, reaparecendo noutra servidor. Apesar de tudo, os piratas sobreviveram e a luta chegou até à política. Membros do Piratbyrå fundaram em 2006 o Partido Pirata sueco, que conseguiu em 2009 eleger dois eurodeputados.

Nesse mesmo ano, os fundadores foram condenados a um ano de prisão e a pagar uma multa de cerca de três milhões de euros após queixas dos estúdios de Hollywood, como o Columbia, Disney e Paramount. Recorreram e a pena de prisão foi reduzida, com a multa a passar para cerca de cinco milhões de euros. Dos quatro réus, apenas dois cumpriram a pena, com os outros a fugirem da Suécia e a pedirem asilo em países como a Tailândia.

“Isto é uma luta do gato e do rato, em que a internet leva bastante avanço. Mesmo desaparecendo o The Pirate Bay, o que duvido, os métodos antigos nunca mais serão os mesmos. A venda de discos e filmes já não é a mesma e a *web* está a mudar a forma como as pessoas acedem aos conteúdos. Agora tudo está disponível em rede, seja em *sites* ilegais como o The Pirate Bay seja em legais como o Netflix ou o Spotify”, comenta Manuel Lopes Rocha.

Ainda assim, um dos fundadores, Peter Sunde, comentou o caso, augurando o final do *site*. O sueco diz que há oito anos, quando o *site* sofreu uma rusga, muitos se juntaram em protesto, o que parece não acontecer hoje em dia. “Eu sou um deles”, afirma Sunde, justificando-o com o facto de não ser fã “do que o TPB se tornou”. Sunde culpa a ganância dos gestores do *site*, “que ganham dinheiro com publicidade a *sites* pornográficos e *viagra*”, pelo declínio de uma página que, acusa, nunca foi reformulada.